

A formação e o conceito de indivíduo na Renascença

The education and the concept of the individual in the Renaissance

WOLFGANG NEUSER*



RESUMO – Este artigo discute o desenvolvimento do conceito de formação na Renascença. Com base na investigação dos textos de Lutero, Erasmo e Pico della Mirandola, examina três diferentes modelos pedagógicos, que constituem a mentalidade renascentista. Desse modo, reconstrói o horizonte interpretativo no qual assume destaque o conceito de indivíduo.

Palavras-chave – formação; método; indivíduo, Renascença

ABSTRACT – This article discusses the development of the concept of the educational process in the Renaissance. Based on the investigation of the writings of Luther, Erasmus, and Pico della Mirandola, three different pedagogical models are examined, which constitute the Renaissance way of thinking. Thus, reconstructing the interpretative horizon in which the concept of the individual assumes prominence.

Keywords – education; method; individual; Renaissance

Quando falamos em ‘Renascença’, referimo-nos a uma época que se distingue estruturalmente tanto da época que a precedeu quanto daquela que a sucedeu. A época anterior à Renascença, que costumamos chamar de Idade Média, e a época posterior à Renascença, denominada Idade Moderna, são épocas marcadas por um desenvolvimento histórico relativamente tranquilo e podem ser caracterizadas por questões que lhe são próprias e que representam a marca fundamental para o seu modo de pensar. Para o pensador da Idade Média, as perguntas que indicam os problemas apresentam suas soluções e determinam o modo de pensar que estão estritamente vinculadas às questões relativas à fundamentação do conhecimento numa dimensão exterior ao próprio pensador, enquanto para o pensador da Idade Moderna a questão consiste em saber como o conhecimento pode ser entendido desde o estabelecimento ou a instauração de si mesmo. Para cada uma dessas épocas, toda visão de mundo é uma interpretação decorrente das repostas dadas a essas questões. Em cada uma dessas épocas existem somente algumas repostas válidas para essas perguntas e elas modelam as distinções entre as diferentes visões de mundo que ali são produzidas. Por isso, essas são épocas que podemos considerar ‘tradicionais’.

Mas a Renascença não pode ser caracterizada como uma época homogênea, como foram as épocas medieval e moderna. A Renascença é uma época que não pode ser compreendida como sendo estruturada somente a partir de uma questão. Os discursos renascentistas divergem e se apresentam em muitas dimensões. A Renascença é uma época na qual os homens se orientam de um modo novo no mundo. As interpretações sobre o que são as coisas e quais as condições para entender algo não parecem ser suficientes na Renascença, como o foram para a mentalidade medieval. Para diferentes pensadores da Renascença, a contradição fundamental do pensamento medieval consiste em que o saber é fundado sobre um fundamento externo ao pensador. Como podemos saber algo com certeza sobre esse fundamento? É a lógica uma garantia para essa certeza? Ou é a fé que faz com que a estrutura externa seja logicamente indubitável?

Uma época desse tipo pode ser caracterizada como uma era de mudança. Em épocas pós-tradicionais, a mudança se acelera. Uma época pós-tradicional não é uma época de transição. É uma época de orientação. Nela, os homens tratam de encontrar os pontos de orientação ou a questão fundamental que estrutura suas visões do mundo. Não é o que ocorre numa época de transição. Ao

* Doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel (Alemanha) e Professor de Filosofia na Universidade Técnica de Kaiserslautern, Kaiserslautern (Alemanha).
E-mail: <neuser@sowi.uni-kl.de>.

Artigo recebido em agosto e aprovado em outubro de 2010.

final da Renascença surge a questão da fundamentação do conhecimento, ou seja, de saber como o conhecimento pode ser fundado no próprio sujeito que pensa.

Em consequência disso, temos que o ‘indivíduo’ se torna um conceito central para o pensamento renascentista. Mas este conceito não é pensando de modo integral em todas as suas estruturas no início da Renascença. Durante essa época o conceito de ‘indivíduo’ foi compreendido e explicado tendo presente especialmente as suas estruturas conceituais internas. Assim, por exemplo, se um indivíduo é uma instância estável ou uma estrutura que se desenvolve passa a ser uma questão discutida tanto explicitamente quanto implicitamente. Mas no final da Renascença já existe um conceito de indivíduo em todos os seus sentidos. E foi exatamente esse conceito que chegou de modo claro e mais ou menos bem estabelecido na Idade Moderna.

Portanto, o conceito de indivíduo se desenvolveu durante a Renascença. Este esclarecimento do sentido de um conceito é fundamental para uma época pós-tradicional e não ocorre simultaneamente em todos os âmbitos do conhecimento. Seu esclarecimento é uma tarefa para centenas de anos em diferentes momentos, áreas e disciplinas. O início dessa evolução conceitual também se dá diferente em áreas diversas. Às vezes, temos conceitos diferentes em distintas áreas ao mesmo tempo. Por exemplo, na arte, a perspectiva já existia na Itália central desde o século 13, mas ela não estava presente no norte da Europa. Assim, podemos afirmar que esses esclarecimentos conceituais formam-se a partir de uma cultura.

Nesse sentido, quando falamos em Renascença não estamos falando sobre algo homogêneo. Dela só tem sentido falar desde uma perspectiva concreta, que traz consigo um sentido singular. Em todo caso, a Renascença só pode ser descrita como uma unidade homogênea desde a perspectiva que pretende esclarecer e confrontar coordenadamente os métodos da argumentação e da justificação próprios da Idade Média. Estas retificações fizeram com que na Renascença a lógica medieval fosse inicialmente substituída pela gramática, pela retórica, pela estética, pela eloquência etc., graças ao trabalho de pensadores como Lorenzo Valla, Francesco Petrarca e outros. Numa segunda fase da Renascença, Jacopo Zabarella e Marsílio Ficino, por exemplo, discutem sistemas argumentativos referindo-se ao aristotelismo e a Platão, ou seja, ao neoplatonismo. E no final da época renascentista, com Johannes Kepler, Galileu Galilei e Petrus Ramus, por exemplo, a matemática, especialmente a geometria, esteve vinculada ao alinhamento da argumentação.

O pensamento de uma época é caracterizado pela estrutura na ordem do processo de pensar. Ao pensar o conceito de ‘indivíduo’, a Renascença passa a considerar

de modo diferenciado o conceito de ‘totalidade’. Na Renascença, com a evolução do pensamento, mudam os conceitos sobre as coisas, primeiro pensando que se trata da estrutura interna do ser e depois ao pensar o ser como uma adaptação de uma coisa externa ao pensamento: esta é a via que leva de Deus à natureza. É uma nova perspectiva que muda o modo de pensar desde a totalidade de Deus à individualidade do homem. Mas, na verdade, a Renascença só prepara esse modo de pensar a relação entre a totalidade e a individualidade, um modo de pensar que somente será levado a efeito e ratificado durante a Idade Moderna.

Por isso, pretendo mostrar o modo como a Renascença pensa o conceito de um indivíduo, especialmente como um indivíduo é formado por outro ou, se for o caso, como ele é formado por si mesmo. A formação física e mental do homem é fundamental, principalmente sob a perspectiva de que o homem individual parece ser a única instância capaz de ajuizar a certeza do conhecimento. A questão está em saber se o indivíduo é uma instância pronta e acabada ou se ele é somente uma instância flexível. Se for assim, como pode uma instância flexível ser a referência para a certeza no âmbito do saber? Que sentido faz, então, pensar o conceito de indivíduo?

Na Idade Média o conceito de indivíduo desempenha um papel secundário para o pensamento filosófico. Ele somente é usado em contextos muito específicos como o da mística de Joaquim dei Fiori, entendido unicamente como uma espécie de interiorização e não como a instância que caracteriza uma pessoa.

A seguir, quero demonstrar, em três momentos, a tese de que o conceito de ‘indivíduo’ se desenvolve na Renascença. Nesse sentido, o indivíduo foi pensado em três modelos diferentes: o primeiro, pode ser vinculado ao nome de Martinho Lutero; o segundo, a Erasmo de Roterdã; e o terceiro, a Giovanni Pico della Mirandola. Esses modelos representam, respectivamente, um tipo religioso, um tipo de impulso para a formação e um tipo de ente que se autodetermina. Gostaria de destacar que, especialmente na posição de Erasmo, existe uma importante recepção de Quintiliano e Plutarco. Além disso, pretendo esclarecer como o conceito de indivíduo foi pensando na Renascença, levando em conta duas etapas da vida humana: uma, considerando o tempo que vai da geração ao casamento, e outra, referindo-se à vida adulta. Por fim, gostaria de tratar da questão sobre o que é novo na Renascença.

1. MODELOS PARA COMPREENDER O QUE SIGNIFICA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

O modo como os pensadores renascentistas compreendem o indivíduo depende de sua imagem de

homem. Lutero concebe o homem como tendo sido criado por Deus com duas partes diferentes: uma interior e outra exterior. A parte interior é a verdadeira. Ela se deve diretamente a Deus. Já a parte exterior se deve à vontade do homem. Enquanto a parte interior é constituída completamente pela graça divina, a exterior é afetada pelo estado do próprio homem. Os homens podem transformar ou mudar somente aquilo que diz respeito aos aspectos da exterioridade humana. Por isso, a formação só existe em relação à exterioridade do homem. Essa formação deveria existir e ser realizada por outro homem, uma vez que, por exemplo, o pai, o presidente da república e os adultos têm diante de Deus a responsabilidade para que as crianças não se transformem em bestas-feras. Se a parte exterior do homem não for domesticada ou formada, sua interioridade sofre deformações e é atingida pelo mal. Por isso, a sociedade precisa de membros bem formados, necessita de homens cultivados. No entanto, considerado desde a perspectiva de sua interioridade, o homem não é livre.¹

De acordo com o modelo luterano, a tarefa da educação não consiste em desenvolver o indivíduo em si mesmo, segundo sua própria finalidade. Porque deveria estar seguro da efetividade da graça de Deus, o homem em sua exterioridade deve apoiar a obra da graça divina. O pedagogo é assim um “colaborador de Deus”. Esse tipo de concepção religiosa da formação está, em muitos aspectos, ainda estreitamente vinculado ao pensamento medieval e não se descola da concepção antropológica da Idade Média. Mas, diferentemente do pensamento medieval, Lutero tem em vista o indivíduo, acentuando a responsabilidade do homem adulto e das pessoas que têm responsabilidade na administração pública para a formação da criança. Nesse sentido, a formação não serve somente para o desenvolvimento do indivíduo enquanto indivíduo, mas especialmente para revelar o seu amor a Deus.

O segundo modelo de formação, mais comum na Renascença, é o modelo que, no século 19, foi chamado de humanismo: a formação como *studia humanitatis*. É o modelo da formação proposto por Erasmo, cuja influência se fez sentir na Itália, na Inglaterra, na Alemanha e em outros países europeus. Os autores que defendem esse modelo de formação se orientam pelas obras da Quintiliano e Plutarco, modificando porém seus ensinamentos.

Quintiliano, em seu livro *Institutio oratoria*, acredita que todos os homens buscam formar-se, pois sua mente é divina. Duas habilidades do homem são importantes para isso: uma dada pela natureza e outra produzida pelo hábito ou pelo exercício. Assim, por exemplo, as aulas deveriam ser preparadas de acordo com as necessidades dos discípulos. Nesse sentido, quanto mais jovens os alunos, mais sentido teriam as aulas, dado que as crianças

pequenas têm uma capacidade de memorizar mais apropriada que as crianças mais velhas.

Plutarco, que foi traduzido na Renascença para diferentes línguas, como o italiano, o inglês e o latim, apresenta em seu livro *Da Educação das Crianças* um guia para os pais.² Para Plutarco, os primeiros anos da criança são extraordinariamente importantes porque a virtude é garantida desde a sua mocidade. Mas a criança precisa da formação. De acordo com Plutarco, na educação, bem como na arte e na ciência, se encontram três elementos: talento, razão e hábito (natureza, discurso e hábito). Razão é a capacidade de apreender. Isto tem a ver com a teoria dianoética, no sentido da antiga *areté theoretiké* do pensamento grego. Já o hábito significa prática, no sentido de uma *areté praktiké*. Em seu livro, Plutarco (1947, p. 9) escreve: “Todo começo pertence ao talento natural que pode se aprender desenvolvendo a habilidade.” E acrescenta (1947, p. 11) que “a aplicação se origina da prática, mas para chegar a real perfeição são necessários os três. Se um dos três lados é pouco desenvolvido, conseqüentemente a virtude claudica”.

Ao desenvolver seu argumento em favor da necessidade da formação, Plutarco (1947, p. 13) afirma que somente pode-se contrariar a natureza através de um esforço mais forte que aquele correspondente à própria natureza. Por isso, o caráter é a formação dessas virtudes naturais através do hábito. Uma atitude que traz a perfeição deve ser entendida como virtude (*areté*). Hoje se poderia provavelmente ter uma associação apropriada destes meios da *areté* ao traduzi-la por *benchmarking*. O ser humano, tal como se apresenta em Plutarco, é determinado pelo modo como pode ser formado, mas o que é moldado de acordo com a natureza não pode ser alterado. Por estas razões, Plutarco (1947, p. 35) recomenda estudar a ciência enciclopédica. A formação tem de posicionar (fazer referência) as fontes e nem mesmo a ginástica pode ser negligenciada. (1947, p. 39). Nesse sentido, os pedagogos e os pais que escolhem os pedagogos devem ter especial cuidado com a educação. Se este conceito de educação, ou este conceito da formação do caráter baseado em virtudes herdadas não se realiza para todos, as pessoas não devem censurar Plutarco, mas simplesmente suas circunstâncias. Por isso, ao tratar dos aspectos essencialmente voltados para a prática pedagógica, Plutarco (1947, p. 43) defende uma posição bastante avançada para o seu tempo, quando afirma que os agentes deste processo formativo deveriam ser somente as falas, as exortações que fazem sofrer, mas nunca os sarrafos ou as palmatórias. No modelo de Plutarco, a formação das crianças inclui a mocidade, na qual é evidentemente mais difícil realizar a formação, e se conclui com o casamento.

No século 6, antes de Cristo, em Atenas, os pedagogos não davam aulas. Eles tinham somente a função de

cuidar das crianças. No entanto, o desenvolvimento do eu não é pensado em nenhum lugar por Plutarco. Nele, a educação é pensada para as pessoas adultas e, por isso, as virtudes são dadas naturalmente pelo nascimento, embora também devam ser adquiridas e moldadas através do hábito. Infância e juventude são pensadas como fases de desenvolvimento através de uma analogia com processo do cultivo da semente pela mãe. Mas essas fases não são mais entendidas agora como um desenvolvimento que acontece na mãe. Uma cesura na vida do ser humano não é pensada a partir do nascimento, mas somente com a efetivação do matrimônio.

Estes textos orientam o discurso sobre a educação na Renascença. Muitos autores, tais como Erasmo e Rabelais, se referem a Quintiliano e Plutarco. Para explicar a posição do Erasmo, começo com uma referência ao romance de Rabelais, *Gargântua e Pantagruel*, uma sátira ao seu tempo, no qual Rabelais cita explicitamente Erasmo. Gargântua e Pantagruel são gigantes de utopias, são pai e filho. O primeiro, Gargântua, é educado a partir do modelo da escolástica, enquanto o outro, o filho Pantagruel, já é educado pelo ideal do humanismo de Erasmo. Pantagruel é uma criança muito difícil. Assim, tudo que é normal neste mundo não dá certo com este gigante. Na realidade, desde seu nascimento, Pantagruel não vem ao mundo de modo habitual; nasce da orelha de sua mãe. E isso continua assim durante toda sua vida: Pantagruel não vem ao mundo como um ser humano pequeno, mas como um gigante. Seu nascimento já mostra que ele pode fazer o que as pessoas normais não podem. Pantagruel entra na estória com a idade de aproximadamente 14 ou 15 anos, em Paris, como todas as pessoas que têm vontade de se formar no tempo de Rabelais. É enviado a Sorbonne para lá estudar. Numa carta para o filho, o pai lhe assevera que, além de aprender o exercício das virtudes, Pantagruel tem de aprender algo proficiente. Para isso, ele tem de estudar também a língua dos caldeus, além do latim e do hebraico. Ele deve expandir o seu conhecimento preferencialmente por meio da consulta às belas edições das obras antigas. Ele mesmo deve se arranjar para ler e, com a leitura delas, aprender. De acordo com a ideia do pai, a formação fará com que seu filho amplie o conhecimento e aperfeiçoe suas virtudes. O próprio Gargântua descobriu uma “educação gótica”, como ele mesmo denomina as artes da cavalaria. Mas Gargântua aprendera somente a lutar, não a discutir. Seu filho deveria aprender discutindo e, com isso, deveria conquistar o mundo. Para nós, o ponto crucial aqui é a sátira de Rabelais, pois nela o conhecimento e as virtudes são pensadas conjuntamente, como se fossem dois lados da mesma moeda.

Nesse contexto, Rabelais cita a Bíblia, pois Salomão disse que nenhum conhecimento poderia prosperar num ser humano mau. Se for assim, um ser humano bom já tem

que trazer virtudes consigo e, se ele tiver virtudes, poderá então aprender e, se fizer isso, ele refinará suas virtudes.

A ideia básica a partir da qual Rabelais representa a sua concepção da educação do jovem Pantagruel na Sorbonne tem a ver com Erasmo. Rabelais o menciona explicitamente. Erasmo extraiu seu programa para a formação de um adágio, descrito como uma “peça de ensino”. Este adágio leva o título “Quid cani et balneo?” [“o que faz o cão na sala de banhos?”] (Erasmo, Adágia, 1.4.39). A partir desta pergunta, Erasmo discute o sentido de uma formação humanista. Em sua “peça de ensino”, refere-se de modo laudatório a Rudolf Agricola, um humanista do século 15, sobre quem afirma não ter este autor omitido qualquer área da formação mais elevada e que, por isso, poderia ser comparado aos melhores conhecedores da história ocidental. Evidentemente, o homem bem educado fala grego, latim, hebraico; seu estilo é tão puro e claro que pode até mesmo ser considerado extemporâneo; ele tem à sua disposição uma eloquência perfeita; adquire os propósitos através de perguntas filosóficas. Ele também conhece música. Mas isso é somente um detalhe. Todo esse conhecimento atrai a fama, mas ele não se esforça somente para isso. Tendo esse conhecimento profundo, ele tem algo divino em si mesmo e, ao mesmo tempo, traz consigo a virtude da modéstia.

Agora, o leitor (sem formação) pergunta: O que tem isso a ver com aquilo que o cachorro procura no banho? A explicação pode ser encontrada em Luciano, um autor do século 2, ao qual Erasmo faz uma referência implícita no título das suas citações dos adágios. O educando fica sabendo então, com base no título que entra no texto de Erasmo, o que o filósofo sabe ou quais as coisas mais sábias ele deveria aprender e sob quais condições ele adquire sua formação. Com isso, Erasmo descreveu uma posição importante do humanismo sobre a formação: Para que possa ser formada, a pessoa tem de aprender a ler corretamente, por si mesma, o idioma através dos textos certos e dos conteúdos corretos. Então, através desse processo, a pessoa nasce para treinar a virtude.

Erasmo interpreta a formação de acordo com o princípio de que o ser humano quer por natureza se refinar, se aperfeiçoar. É da natureza do ser humano querer se aperfeiçoar. “Como o cachorro é treinado para caçar, o pássaro para voar e o cavalo de raça, que nasceu macho, para arar, assim também o ser humano é formado para o conhecimento e para ação honrada; e, desse modo, como todo aquele que nasceu aprende muito facilmente de toda natureza viva, assim o ser humano se destina à formação para o bem e nobre sem esforço especial. A natureza implantou nele os germes para o que só a diligência do criador pôs para isso à sua disposição.” (ERASMO, apud MÄRZ, 1978, p. 49). E acrescenta: “Porém, este

processo de formação também ultrapassa aquelas outras criaturas, que seriam eliminadas como falha da natureza, uma negligência do ser humano é estancada e a falta do ser humano é corrigida, devido à sua própria natureza.” (Idem, 1978, p. 49).

Na concepção erasmiana, quando se afasta da educação, o ser humano se torna uma criatura negligente e inútil. Em seus escritos, ele reafirma constantemente o caráter ético-moral da educação humanística, que distingue o ser humano do animal, através do conhecimento das artes, das ciências e da filosofia: “Realmente, a verdade é que um ser humano que não adquiriu um saber filosófico, nem mesmo uma educação científica, é uma criatura muito pior que os animais irracionais. Porque, enquanto os animais seguem somente seus instintos naturais, o ser humano é arrebatado para algo pior que as paixões animais, se ele não é formado pelas ciências e pelo ensino da filosofia. Nenhum animal é mais selvagem e mais perigoso que um ser humano; nele vivem a ambição, a ganância, a fúria, a inveja, a luxúria e os passeios libertinos.” (Idem, 1978, p. 110).

Aqui se torna clara a relação entre a natureza e a cultura. O processo formativo se constitui pelo esforço em ir além do que é transmitido pelo mundo natural. Para Erasmo, a realização plena do humano se dá no uso da palavra e das boas maneiras, que permitem a construção da civilidade. Assim, ele chega a afirmar, que “os filhos não se tornam educados pela educação que a mãe lhes dá, mas sim pela conversação” (Idem, 1978, p. 111). E acrescenta que, durante o período da formação, “eles devem ser completados, tal como uma semente boa e um bom terreno por “um bom jardineiro” (Idem, 1980, p. 215). Através dessa referência metafórica, se esclarecem aqui de modo decisivo o sentido da educação e o papel do educador.

Por outro lado, na concepção erasmiana, a formação depende de uma convergência de elementos da natureza, da instrução e da ação. Isso fica muito evidente quando afirma que “as inclinações naturais, o ensino e a prática cooperam.” (Idem, 1980, 214). E acrescenta: “A natureza administra muito, mas isto não dispensa a instrução.” (Idem, 1980, p. 214).

Nesse sentido, a concepção da formação apresentada por Erasmo é ideal para que os jovens possam e devam ser formados, pois, ao nascer, o indivíduo é inacabado e incompleto. Por isso, ele deve ser moldado e formado. Assim, a formação é entendida como um estímulo para o desenvolvimento do indivíduo.

Na verdade, esse modo de pensar a formação, por um lado, aproxima-se radicalmente do pensamento da Idade Moderna e guarda profundas diferenças em relação ao pensamento medieval. Nesse sentido, em suas reflexões sobre a formação, Erasmo antecipa o moderno conceito de

indivíduo. O indivíduo é o ponto central do pensamento moderno. Liberdade e autodeterminação do indivíduo não são apenas os critérios para a formação, mas caracterizam a própria natureza do ser humano.³

O terceiro modelo de formação presente na Renascença é formulado por Giovanni Pico della Mirandola. Pico pensa que o essencial para o ser humano consiste em sua própria realização. Ele pensa o indivíduo somente como um exemplar de ser humano, e não como uma instância da afirmação de si. Formação só existe como construção do indivíduo enquanto um ser humano.

Em contraposição a Erasmo e Rabelais, por exemplo, encontra-se aqui a ideia de que a educação é necessária para formar o caráter do ser humano, que é preciso uma regra fundamental para formar o ser humano. Posições semelhantes à de Pico della Mirandola podem também ser encontradas em Nicolau de Cusa e em Marsílio Ficino. Como exemplo literário, gostaria de citar o pequeno livro de Pico della Mirandola *Oratio de dignitate homini* [“Discurso sobre a dignidade do homem”].⁴ Também este é um clássico para o leitor bem formado. Nele, Pico della Mirandola descreve o ato da criação e afirma que, ao criar o homem, o Criador percebeu que não lhe concedeu nada de próprio, mas que teria em comum tudo o que tinha sido dado parcimoniosamente aos outros seres. E tendo criado o homem como obra de natureza indefinida, colocando-o no meio do mundo, o Criador disse-lhe: “Não te demos um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão.” (PICO DELLA MIRADOLA, 1989, p. 51-53). E, nas palavras de Pico, acrescentou: “A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-la-as para ti, segundo o teu arbítrio, cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo.” (Idem, 1989, p. 53).

Lançando desse modo uma das mais firmes bases da pedagogia humanista da Renascença, Pico afirma uma concepção filosófico-antropológica, de acordo com a qual o homem é o ser cuja tarefa e qualidade consiste em se determinar. A natureza do ser humano é a de um ser sem determinações. Assim, é tarefa de cada indivíduo determinar a si mesmo e moldar seu próprio desenvolvimento, enquanto o gênero humano, como

tipo, permanece marcado pela indeterminação. Nesse sentido, as pessoas podem perceber que são seres sem determinação e é somente por isso que todos podem escolher uma certa determinação ou uma combinação de determinações. Em razão disso, elas são autônomas.

Em Pico, como a água que molha, o homem é um ser sem determinação, que pode realizar a si mesmo. Ao homem é dada, portanto, uma tarefa e também uma chance. Por isso, a responsabilidade pela formação não cabe ao preceptor ou ao pedagogo. E, nesse sentido, Pico não tem como ambição formar os jovens.

2. O CONCEITO DE INDIVÍDUO NO CONTEXTO DE UMA PEDAGOGIA

Ao falar sobre o conceito de indivíduo na Renascença, deveríamos discutir as múltiplas dimensões de acordo com as quais o objeto é pensado.⁵ Em se tratando da dimensão material, por exemplo, o átomo é um indivíduo; já no âmbito da matemática, a esfera é um indivíduo e assim por diante. No entanto, para o propósito deste texto, nos limitamos somente a pensar o indivíduo em relação à questão da formação.

Nesse sentido, um aspecto importante a ser considerado diz respeito ao fato de que na Renascença o conceito de indivíduo foi diferenciado do conceito de totalidade. Em relação ao nosso objeto de estudo aqui a totalidade é Deus, que para o pensamento medieval significa tudo o que existe. O homem não parece ser um indivíduo que fundamentalmente exista por si, mas um ser que é somente uma forma da existência da obra de Deus. Mas os homens são diferentes das outras criaturas, pois eles são dotados de razão, o que lhes permite tomar posição em relação a Deus e às outras coisas da criação. Somente nos movimentos da mística temos um outro modo de conceber os indivíduos. Mas também aqui cada indivíduo é compreendido como parte da totalidade de Deus.

Assim, na Renascença, esses três modos de pensar o indivíduo o concebem com diferentes intensidades, em contraste ou em contraposição à totalidade. Em Lutero, o indivíduo tem uma estrutura dupla, como Jano. O homem tem uma estrutura, que faz com que ele seja parte da totalidade, e outra estrutura, que faz com que ele seja um indivíduo, separado da totalidade. Porque a totalidade doa a existência, a individualidade é pensada como dependente da totalidade. A formação do indivíduo só faz sentido sob o aspecto de apoiar o ser da totalidade. A liberdade está comprometida no ser de Deus. E a responsabilidade é relevante no contexto da totalidade. Só o homem exterior é livre e o homem exterior deveria ser castigado. Então, o indivíduo em Lutero é um conceito que dá atenção ao

aspecto de uma existência independente de si. Mas o indivíduo não é pensado total e realmente separado. Por causa disso, o indivíduo em Lutero é uma ideia que não existe no mesmo sentido que para o pensamento medieval e também não é uma interpretação radical como aquela realizada pelo pensamento moderno.

Nas concepções dos autores que se orientam por Quintiliano e Plutarco, como é o caso de Erasmo, o homem como um indivíduo é pensado como sendo parte da natureza e como algo que se desenvolve. O indivíduo está em relação com a totalidade, mas tem um espaço para si, um espaço no qual ele é responsável e no qual ele tem a possibilidade de escolher. Também aqui o indivíduo é pensado como um adulto. E, nessa perspectiva, todas as reflexões sobre o ser humano estão relacionadas ao adulto. Mas o adulto é um homem pronto, resultado de uma transformação. Até o nascimento, o homem é formado fisicamente.⁶ Depois, do nascimento até o casamento, ele é formado mentalmente. Somente após esta formação mental, ele se torna uma instância que é a referência para todas as argumentações filosóficas.

Com relação à fase anterior ao nascimento, Erasmo refletiu sobre as possibilidades de influenciar o desenvolvimento do ser humano. Erasmo discute, por exemplo, critérios de seleção da mulher para gerar filhos bons. Na fase da juventude, para que possa ter um homem educação, faz-se necessária uma formação diferenciada. Nesse sentido, para Erasmo, o indivíduo é uma quase totalidade na fase adulta, pois é responsável e livre para decidir. Mas o próprio Erasmo chama atenção para o fato de que, juntamente com a fase pré-natal, a fase da juventude é decisiva para o desenvolvimento das possibilidades do adulto.

Assim, enquanto em Erasmo o indivíduo é quase transformado numa estrutura temporal, em Lutero as duas dimensões, interior e exterior, são constitutivas da mediação entre a totalidade e a separação do indivíduo. Já em Pico della Mirandola a separação do indivíduo é pensada quase totalmente. A distinção entre o indivíduo e a totalidade é tão frágil que o indivíduo pode se tornar deus. Na concepção de Pico, o indivíduo se desenvolve por si mesmo e, por isso, a formação não deveria ser produzida por outro, o que nos leva a concluir que, a rigor, não existe uma pedagogia em Pico. Mas ele formula uma outra regra para a formação. Ele tem a ideia de que no impulso para a formação está a característica fundamental do ser humano. Em seu entender, o ser humano não pode outra coisa senão querer se aperfeiçoar. Por isso, a formação é formação de si mesmo. É nesse sentido, que, portanto, não há necessidade de uma pedagogia. O homem é forçado a se tornar humano pela sua determinação fundamental em adquirir a formação. É uma determinação de si esforçar-se para formar-se a si mesmo como ser humano.

Assim, a estrutura do indivíduo depende do modo como é pensada a relação entre a totalidade e o indivíduo. Por isso, torna-se evidente que existem diferenciações dos sentidos latentes do conceito de indivíduo na Renascença. Estas diferenciações foram formadas em diferentes etapas do pensamento renascentista e elas podem ser entendidas como três tipos de diferenciação: um religioso, um desenvolvimentista e um autodeterminado. Desse modo, com essas observações, pretendo ter mostrado os tipos básicos de formação em relação aos diferentes conceitos de indivíduo em voga na Renascença.

3. O QUE É NOVO NA RENASCENÇA?

Mas há ainda uma questão que gostaria de abordar aqui antes de concluir minha apresentação. Trata-se da questão relativa ao que é realmente novo no modo de pensar da Renascença. A Idade Média pensa uma instância da fundação do saber externa ao pensador. Logicamente deveria existir uma totalidade para conectar o fundamento do pensar ao próprio pensamento. Na Idade Média, tanto nas concepções neoplatônicas, quanto nas concepções aristotélicas, essa totalidade foi pensada como sendo Deus. O indivíduo não desempenha papel algum nessas concepções, visto que a totalidade é o todo e todas as coisas são somente manifestações da totalidade.

Considerando as contradições existentes neste conceito de totalidade e procurando esclarecer estas contradições, parece que a separação (da totalidade) é uma implicação lógica desse mesmo conceito. Os diferentes conceitos de indivíduo foram então pensados como algo separado, e não como uma totalidade. Este é realmente o ponto inicial do desenvolvimento de um conceito de indivíduo. E essa era a situação no final da Idade Média e no momento da transição para a época seguinte.

Por isso, a Renascença trata de esclarecer o conceito de indivíduo. As concepções renascentistas de indivíduo foram, na verdade, um ensaio que produziu uma interdependência do indivíduo com algo exterior em duas diferentes dimensões (Lutero e Erasmo). Mas a concepção logicamente mais radical é aquela formulada por Pico. Em Pico, o indivíduo é quase uma totalidade. A totalidade está separada e tem seus papéis trocados. O que está separado também é pensado como uma totalidade. O indivíduo existe quase por si mesmo. No entanto, Pico não pensa esta fundação do indivíduo de modo consequente: O indivíduo é criado por Deus, mas depois da criação o indivíduo torna-se autônomo. Isso é tão importante que o próprio indivíduo deveria se autodeterminar.

A Idade Moderna depara-se com um conceito completo do indivíduo em relação à Renascença. Agora o conceito de indivíduo é pensando de maneira livre de

influências externas. Na Renascença ele ainda é pensado de acordo com um programa no qual o indivíduo é separado e livre. Mas, no programa da idade moderna, o indivíduo é uma instância separada que funda a si mesmo. A Idade Moderna torna-se assim uma época que faz do indivíduo uma instância que pode trabalhar a partir da fundamentação do saber no próprio pensador. Desse modo, o indivíduo transforma-se em um sujeito. A fundação do saber só pode se efetivar, se o sujeito é livre, independente de um mundo exterior.

Torna-se claro então que a Renascença prepara a elaboração dos conceitos de indivíduo e de sujeito, de modo a que a formação do sujeito chegue a ser uma necessidade para executar suas funções de fundar o saber por si mesmo. Isso também explica a atração de Erasmo, e outros, por Quintiliano e Plutarco, que ocorreu a partir de motivações diversas. Enquanto os autores antigos pretendiam esclarecer o papel dos jovens na sociedade e não queriam entender o desenvolvimento de um indivíduo, os humanistas da Renascença, ao contrário, estavam procurando compreender o que é um indivíduo. E a partir dessa compreensão desenvolveram suas teorias sobre a formação, cuja efetividade histórica tornou-se inquestionável nos últimos cinco séculos.

REFERÊNCIAS

- ERASMO. *Adagia. Opera omnia*. Leiden: Petrus Vander, 1703.
- JÜTHNER, Julius. (Hrsg.). *Philostratos über Gymnastik*. Amsterdam: Grüner, 1969.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- _____. *Política, fé e resistência*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- MOOG, Willy. *Geschichte der Pädagogik*. (Franz-Josef Holtkemper), 8. Aufl., Ratingen, Henn u. Hannover: Zickfeldt, 1967. 2. Band.
- MÄRZ, Fritz. *Problemgeschichte der Pädagogik*. Klinkhardt: Julius, 1978-1980. Bde. 1 und 2.
- PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Lisboa: Edições 70.
- PLUTARCH. *Kinderzucht*, übersetzt von E. Heimeran, München: Tusculun, 1947. [Ed. port. PLUTARCO. *Da educação das crianças*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008].
- QUINTILIAN. *The Institutio Oratoria*. (H.E. Butler), Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- _____. *Über Pädagogik und Rhetorik*. (M. Giebel), München: Goldmann, 1974.
- RABELAIS, François. *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

(Traduzido do alemão por LUIZ CARLOS BOMBASSARO)

NOTAS

¹ De Lutero, ver especialmente os textos *Von weltlicher Obrigkeit* (1522), *An die Bürgermeister und Ratsherrn aller Städte in deutschen Landen, dass sie christliche Schulen aufrichten und halten sollen* (1524) e *Vom unfreien Willen* (1525). Para o leitor brasileiro, os textos de Lutero podem ser encontrados em *Martinho Lutero – Obras selecionadas e Política, fé e resistência*, São Leopoldo: Sinodal, 2004.

² As referências à obra de Plutarco são apresentadas aqui de acordo com a edição alemã usada pelo autor: Plutarch, *Kinderzucht*, 2. verb. Aufl. (E. Heimeran), München: Tusculum, 1947. Para o leitor de língua portuguesa, ver a excelente edição crítica desse texto, traduzido e comentado por

Joaquim Pinheiro: Plutarco. *Da educação das crianças*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

³ Sobre o vínculo entre profissão e aptidão ver também a obra *Examen de ingenios para las ciencias...* do espanhol Juan Huarte, que foi traduzido para a língua alemã por G. Lessing.

⁴ PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*, Lisboa: Edições 70, 1989.

⁵ Ver também Mapheus VEGIUS, apud MÄRZ, Op. cit., 1980, p. 213.

⁶ Ver Julius JÜTHNER (Hrsg.): *Philostratos über Gymnastik*. Amsterdam: Grüner, 1969 (Nachdruck der Ausgabe Leipzig 1909; kritische Edition mit Übersetzung und Kommentar).